

Crise asiática não atinge Real

Ministro Malan afirma que não adotará qualquer medida preventiva para evitar ação especulativa

São Paulo - O ministro da Fazenda, Pedro Malan, disse ontem que não vê risco de o Brasil passar por uma crise cambial semelhante à enfrentada hoje pelos países do Sudeste Asiático. "Ataques especulativos constituem mais exceção do que a regra", afirmou o ministro em São Paulo, após ter participado da reunião do conselho consultivo da Daimler-Benz, holding mundial da Mercedes-Benz. Ele ressalvou que isso não quer dizer que não haja repercussão internacional porque o mundo hoje é integrado. "O investidor sabe entender a diferença entre os países".

Segundo o ministro, cada caso é um caso. O déficit em conta corrente na Tailândia nos últimos três anos foi muito mais elevado que o brasileiro. Girava em torno de 8% do Produto Interno Bruto (PIB) neste período,

precedido de dois anos em que esse número girou em torno de 6%. "Essa não é a trajetória em que estamos ou estaremos".

"Comparar Tailândia ao Brasil é análise preguiçosa, de quem não faz estudos aprofundados", disse. "Situações como estas (da Ásia) não são desastres que se transmitem de maneira mecânica. O mundo é muito mais sofisticado e os investidores estrangeiros olham vários outros dados, além do déficit em conta corrente", afirmou.

Nos últimos 12 meses encerrados em junho, o déficit em conta corrente do País foi de 4,1% do PIB. Malan admitiu que a preocupação com crescimento do déficit é legítima: em 1995, ele representava 2,5% do PIB, em 1996, 3,3% e agora, 4,1%. Ele disse que a análise de alguns "meca-

niscistas" de que essa trajetória será exponencial não está correta. Isso porque o Governo vem tomando medidas para reverter essa situação.

Ele lembrou, por exemplo, que a isenção de 40% de impostos sobre as exportações de álcool e açúcar deve funcionar como estímulo às exportações. Além disso, afirmou, o País não tem dificuldade de financiar o déficit em conta corrente porque o capital externo que está entrando é da melhor qualidade, ou seja, está vindo para o País por meio de investimentos diretos e das privatizações. Paralelamente, explicou Malan, está havendo uma grande mudança estrutural na economia do País, com estímulo à produção de bens exportáveis e fabricação de artigos para consumo doméstico com maior produtividade.